

O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA DO AGRONEGÓCIO E O RISCO À SAÚDE DO TRABALHADOR: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Mariana Soares¹
Nara Regina Fava²
Camila Massae Sato³

RESUMO O agronegócio é junção de negócios baseado em atividades econômicas que envolvem principalmente a agricultura e pecuária, baseadas na transformação da natureza que desencadeia em riscos ocupacionais, sanitários, ambientais e sociais inerentes em cada etapa da sua execução. Objetiva-se realizar uma revisão sistemática de estudos referentes à exploração capitalista do agronegócio e os riscos para a saúde do trabalhador. Foi realizada uma revisão sistemática de caráter analítico a respeito dos estudos que se referem à exploração do capital referente ao agronegócio no Brasil e os riscos para a saúde do trabalhador, através de artigos completos, idioma em Português, produzidos no Brasil, entre os anos de 2015 e 2018. Após a análise crítica do conteúdo, foram selecionados 20 artigos que abordavam os assuntos relacionados ao tema de pesquisa. Os artigos demonstraram que o agronegócio impulsionado pelo capitalismo, gera agravos e riscos a saúde dos trabalhadores, conflitos políticos entre o Estado e os latifundiários e uma falta de vigilância da saúde do trabalhador. Recomenda-se uma articulação entre os gestores responsáveis pelas Vigilâncias em Saúde, Sindicatos dos Trabalhadores, e as Unidades de Saúde, a fim da execução das ações de promoção e prevenção de acidentes de trabalho, sejam no setor primário, secundário ou terciário do agronegócio.

Palavras-chave: Capitalismo; Agronegócio; Saúde do trabalhador.

ABSTRACT Agribusiness is a business junction based on economic activities that mainly involve agriculture and livestock, based on the transformation of nature that triggers occupational, sanitary, environmental and social risks inherent in each stage of their execution. The objective is to conduct a systematic review of studies referring to the capitalist exploitation of agribusiness and the risks to the health of the worker. A systematic review of the analytical character was carried out regarding the studies that refer to the exploitation of the capital related to agribusiness in Brazil and the risks to the health of the worker, through complete articles, language in Portuguese, produced in Brazil, between the years 2015 and 2018. After the critical analysis of the content, 20 articles were selected that addressed the subjects related to the research theme. The articles showed that the agribusiness driven by capitalism, generates health problems and risks to workers, political conflicts between the state and the landowners and a lack of vigilance of the health of the worker. We recommend an articulation between the managers responsible for health surveillance, workers' unions, and the health units, in order to implement the actions of promotion and prevention of occupational accidents, whether in the primary, secondary or tertiary agribusiness.

Keywords: Capitalism; Agribusiness; Worker's health.

¹ Enfermeira. Especialista em Enfermagem Obstétrica. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da UFMT. Email: enf.marianasoares@gmail.com

² Pedagoga. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da UFMT.

³ Enfermeira. Mestre. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Enfermagem pela UFMT.

INTRODUÇÃO

O modelo de desenvolvimento econômico que vem sendo utilizado para crescimento das nações possibilita que os trabalhadores ceifem suas vidas na luta pela sobrevivência, expondo-se aos riscos advindos das precárias condições de trabalho. Entretanto, a falta vontade política e atuação nesse contexto de justiça social, para a aplicação das normas e leis que favoreçam o trabalhador, em prol da prevenção de diversos agentes e fatores de riscos presentes nesse processo de crescimento¹.

Este estudo inicia-se com uma discussão acerca do capitalismo que teve seu crescimento acelerado, trazido pela expansão econômica, aumentando também a classe trabalhadora, sendo estas, partes fundamentais para essa evolução do capital, entretanto, não eram favorecidas com este crescimento, e viviam em circunstâncias deploráveis e de sofrimento. O crescimento da internacionalização do capital advinda da modernização capitalista, acelerou o processo de industrialização e de urbanização fundamentais para o aumento das migrações vindas do campo para as cidades, se traduzindo em desigualdades sociais e riscos à saúde dos trabalhadores e da população^{2,3}.

O capital sucede de uma série histórica de vida, causando a destruição de formações sociais locais, em prol do crescimento econômico dos mercados nacionais unificados num processo mundial de intercâmbio e produção crescente com novas técnicas e formas de se organizar, causando grande violência e desumanização das forças produtivas⁴.

Marx mostra que, ao longo do século XIX, com a transformação radical na organização da exploração de recursos naturais, impulsionou os países a desenvolver o capitalismo, por meio da industrialização e do aumento de produção, uma forma de organização econômica para expandir os mercados internacionalmente. No entanto, fica à margem do crescimento econômico a classe trabalhadora ou proletária com precárias condições de trabalho, alienados ignoravam a totalidade do sistema produtivo no qual estavam inseridos².

A ecologia Marxista defendida por Foster discute acerca da fenda metabólica, ao qual, faz uma crítica radical dos resultados desastrosos ao produtivismo capitalista, em decorrência da lógica destrutiva do capital, causando uma ruptura irreparável entre a humanidade e o meio ambiente. Diante desta teoria o agronegócio é considerado uma forma de usurpação da natureza, utilizando a terra sem considerar suas limitações, utilizando um modelo

insustentável para a produção de *commodities*⁴, principalmente com a monocultura, retirando todos os nutrientes do solo, deixando uma herança de degradação ao ambiente, agravos à saúde do trabalhador e da sociedade, com o uso de agrotóxicos e fertilizantes químicos, gerando injustiças ambientais e desigualdades sociais⁵.

A construção do campo da saúde do trabalhador veio ganhando espaço ao longo dos séculos e com a fase moderna que inicia-se com a Revolução Industrial, onde anteriormente os trabalhadores eram considerados escravos, logo após esse movimento, passaram a receber por sua mão de obra, porém com carga excessiva de trabalho e remunerações baixíssimas. Através da mobilização dos trabalhadores e seus sindicatos por melhores condições de trabalho e qualidade de vida foi possível o surgimento dos direitos sociais e coletivos, uma conquista que marcou o século XX até os dias atuais. No Brasil, o percurso histórico da saúde do trabalhador passou a ser incorporada gradativamente nas ações do Sistema Único de Saúde, por meio da Lei Orgânica da Saúde 8080/1990, através das práticas de Saúde Pública e com os determinantes dos setores sindicais e acadêmicos. Esse processo iniciou-se a partir da Medicina do Trabalho e Saúde Ocupacional, que visava apenas o ser biológico, desconsiderando o processo saúde-doença adquirido pelo trabalhador no processo de trabalho⁶.

Por esse fator, as entidades governamentais e não governamentais, criaram a Vigilância em Saúde do Trabalhador (VISAT), como uma dos desmembramentos da Vigilância em Saúde que se consagrou no SUS com a Constituição de 1988, pela necessidade de implementação de ações de vigilância que vão além da dimensão assistencial à saúde do trabalhador, perpassando pelo contexto socioambiental, nos processos de adoecimento e acidentes de trabalho advindos do ambiente laboral. Mais ainda, ter um olhar preventivo na saúde do trabalhador, visando intervir nas condições de trabalho que afetam negativamente na saúde, nos processos e na forma que este trabalho se organiza, e se possível, interromper possíveis agravos à saúde, seja a doença ou o óbito no trabalho^{7,8}.

A cadeia de produção é considerada como um processo de extração, produção, transporte, distribuição, consumo e descarte de bens e serviços, tendo grande contribuição econômica e financeira pelo Estado, tanto no meio urbano como no rural e refletem na saúde do trabalhador pelos riscos ambientais, pelo adoecimento no trabalho, alimentos e produtos de

⁴ Correspondente a negociações internacionais de produtos agropecuários, metais, minérios e outros produtos primários nas bolsas de mercadorias [Informação obtida em http://www.economiabr.net/dicionario/economes_c.html].

consumo, relações entre as condições de vida e saúde, dentre outros determinantes da saúde da população⁹.

Todo o processo produtivo que envolve o agronegócio, baseado na transformação da natureza, desencadeia riscos ocupacionais, sanitários, ambientais e sociais inerentes em cada etapa da sua execução, podendo provocar danos agudos ou crônicos, tanto para a saúde do trabalhador, na ocorrência de acidentes de trabalho, e também danos no âmbito da Saúde Coletiva¹⁰.

Além disso essas situações de risco perpassam pela saúde do trabalhador, inclusive na relação com o meio ambiente, os alimentos e a saúde das famílias que habitam tanto na zona rural e urbana. Deste modo são causadores de injustiça ambiental de forma desigual e discriminatória na distribuição de riscos e benefícios, decorrentes da globalização vislumbrando o desenvolvimento econômico de cunho capitalista.

A partir dessas informações, objetivou-se realizar uma revisão sistemática de estudos referentes à exploração capitalista do agronegócio e os riscos para a saúde do trabalhador.

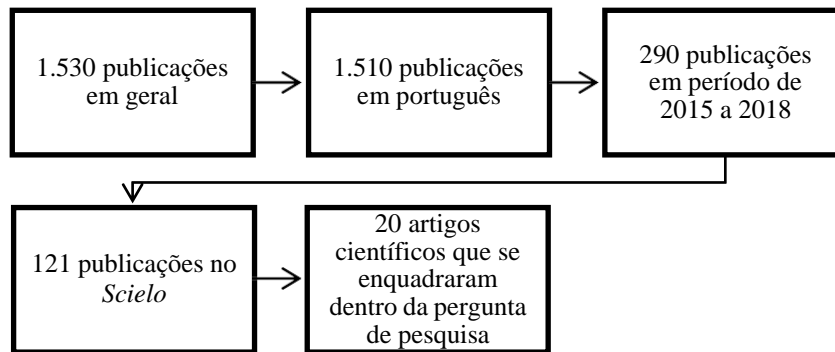
METODOLOGIA

Estudo de revisão sistemática de caráter analítico a respeito dos estudos que referem-se a exploração do capital referente ao agronegócio no Brasil e os riscos para a saúde do trabalhador. Antes do início da revisão, foi elencando como pergunta de pesquisa: Segundo os estudos encontrados na literatura, os meios de produção e a cadeia produtiva do agronegócio afeta a saúde dos trabalhadores brasileiros?

O formato de revisão sistemática é um tipo de pesquisa criteriosa para seleção de trabalhos, aplicando estratégias de buscas específicas para obtenção de resultados satisfatórios¹¹.

A coleta dos dados deu-se a partir da leitura dos artigos encontrados que responderam à pergunta da pesquisa. Devido ao grande número de artigos encontrados, definiu-se como fonte para coleta de dados a base eletrônica do *Scielo*, tendo como método de pesquisa a base eletrônica do Google Acadêmico.

Figura 1 – Representação do estudo baseado nos critérios de busca



Fonte: Autoria Própria

Foi definido como critério de inclusão: artigos completos que contivessem os descritores no texto, idioma em Português, produzidos no Brasil, entre os anos de 2015 e 2018. Para os critérios de exclusão: resumos simples, trabalhos duplicados, livros, dissertações, teses e monografias. Outro critério a considerar, diz respeito aos descritores. Foram incluídos neste estudo, artigos que utilizassem pelo menos um destes descritores em qualquer lugar do artigo: agronegócio, saúde do trabalhador e capitalismo. Quanto aos filtros e idiomas utilizados na coleta de dados, foram selecionados dentro das próprias bases eletrônicas, segundo os critérios definidos na pesquisa.

Após a seleção dos artigos conforme os critérios de inclusão previamente definidos, foram seguidos, nessa ordem, os seguintes passos: leitura exploratória; leitura seletiva e escolha do material que se adequam aos objetivos e tema deste estudo; leitura analítica e análise dos textos, finalizando com a redação. Após a execução destas etapas, foi construído um esquema, conforme a (Figura 1) contendo as informações referentes aos critérios de busca da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A estratégia de pesquisa encontrou 1.530 publicações em português, inglês e espanhol, após a filtragem obteve 20 artigos elegíveis que se enquadraram nos critérios da pergunta de pesquisa relacionados à exploração capitalista do agronegócio e os riscos para a saúde do

trabalhador através da aplicação combinada de descritores nas bases de dados descritos abaixo (Quadro 1).

Quadro 1 – Características dos vinte estudos selecionados para a revisão sistemática

ID	Revista	Ano	Autor	Título do Artigo
1	Ciência e Saúde Coletiva	2018	Pontes, AGV	Necessidades de saúde de camponeses em conflito ambiental frente à instalação de Perímetros Irrigados
2	Cadernos de Saúde Pública	2018	Porto, MFDS	O trágico Pacote do Veneno: lições para a sociedade e a Saúde Coletiva
3	Revista Katálysis	2018	de Souza, CLS	Questão agrária, migração temporária e superexploração: uma síntese a partir do Vale do Jequitinhonha
4	Cadernos Pagu	2018	de Almeida Silva, C	Às margens do desenvolvimento: o trabalho das mulheres e a luta por direitos no polo de fruticultura de Petrolina/PE-Juazeiro/BA
5	Trabajo y sociedad	2018	Manzoli, ST	Condições de trabalho e saúde de plantadores de verduras de um município brasileiro
6	Mercator	2017	Antonio, TJ	Degradação sistêmica do trabalho no agrohidronegócio
7	Saúde Debate	2017	Rigotto, RM	Por que morreu VMS? Sentinelas do desenvolvimento sob o enfoque socioambiental crítico da determinação social da saúde
8	Saúde Debate	2017	Marra, GC	Avaliação dos riscos ambientais na sala de abate de um matadouro de bovino
9	Saúde Debate	2017	Pinto, NF	Processos protetores e destrutivos da saúde dos(as) trabalhadores(as) da sericicultura
10	Caderno CRH	2017	da Costa, C	Morte por exaustão no trabalho
11	Saúde Debate	2017	Murakami, Y	Intoxicação crônica por agrotóxicos em fumicultores
12	Saúde Debate	2017	Rocha, MM	Produção de vulnerabilidades em saúde: o trabalho das mulheres em empresas agrícolas da Chapada do Apodi, Ceará

13	Ciência e Saúde Coletiva	2016	Leão, LHC	Trabalho escravo contemporâneo como um problema de saúde pública
14	Escola Anna Nery	2016	Viero, CM	Sociedade de risco: o uso dos agrotóxicos e implicações na saúde do trabalhador rural
15	Mercator	2016	Lima, FV	Territorialização do agronegócio e resistência camponesa
16	Trabalho, Educação e Saúde	2016	Araújo, IMMD	Agronegócio e agrotóxicos: impactos à saúde dos trabalhadores agrícolas no nordeste brasileiro
17	Caderno de Saúde Coletiva	2015	Dias Leite, M	Vigilância Participativa em Saúde do Trabalhador e Agronegócio no município de Lagoa da Confusão, Tocantins
18	Psicologia e Sociedade	2015	de Castro, LSP	Fumicultores advertem: a causa do seu sofrimento é o Homem
19	Physis: Revista de Saúde Coletiva	2015	Lyra, TM	Os desafios dos Polos de Desenvolvimento na perspectiva dos atores sociais locais de Goiana, Pernambuco
20	Saúde e Sociedade	2015	Leão, LHC	Cadeias produtivas e a vigilância em saúde, trabalho e ambiente

Fonte: Autoria Própria

Dos 20 artigos analisados, apenas (1) artigo é em âmbito nacional, seguido da região Nordeste (8), Sudeste (6), Sul (4) e Norte (1). Quando observa-se a epidemiologia dos acidentes de trabalho registrado pela Comunicação de Acidentes de trabalho (CAT) em âmbito nacional, nota-se que as maiores incidências localizam-se nas regiões Sul, enquanto que para as taxas de letalidade e mortalidade está localizado na região Centro Oeste, ou seja, os que mais comunicam, adoecem e morrem por acidentes de trabalho, são os que menos realizam estudos ou ocorrem uma ausência de estudos atualizados acerca da temática¹².

A maioria dos estudos analisados demonstrou que o adoecimento dos trabalhadores de forma geral, advém da exploração do trabalho pelo capital e que esse fenômeno se expande da esfera da produção às outras dimensões da vida do indivíduo. O adoecimento no trabalho é parte das condições sócio históricas que se apresentam na

realidade em que se desenvolve a reprodução material e espiritual, nos termos de Marx.

Tais condições se modificam na sociedade capitalista contemporânea, embora permaneçam as determinações em que estas se fundam: a exploração do trabalho¹³⁻¹⁶.

O sistema capitalista separa os homens da natureza, em seu processo de produção/reprodução e impõe que o ritmo do homem não seja mais o ritmo da natureza, mas o ritmo do próprio capital¹⁷. Outro estudo também esclarece que a cultura das sociedades capitalistas ocidentais conseguiu realizar, no plano simbólico, uma cisão tão profunda entre os seres humanos e o ambiente, fazendo-nos perder de vista a complexidade desta relação, ao mesmo tempo em que viabiliza a dominação da natureza e também dos homens e mulheres¹⁸.

Este aspecto também foi levantado em diversos artigos nos quais apontaram que os processos de trabalho mantêm-se a exploração da mão de obra em função do lucro das mercadorias, resultando em desemprego, precarização do trabalho, informalidade e desigualdade, gerando sofrimento e insegurança física e psíquica, embora a saúde do trabalhador seja tida como elemento condicional à qualidade de vida humana, ainda sofre todos os castigos impostos à força de trabalho.

Um dos artigos analisou a relação entre o trabalhador rural e os agrotóxicos, ora que aqueles são os menos visualizados quando se trata de assistência e reconhecimento de direitos e, não obstante isso impõem-lhes a culpa sobre sua própria degradação. O trabalhador rural tem conhecimento de que há riscos relacionados ao consumo e manuseio de agrotóxicos, manifestando preocupação com as consequências disso. Em geral, negam associação direta entre o uso de agrotóxicos e problemas de saúde, evidenciando-se que não utilizam adequadamente equipamentos de proteção individual¹⁹.

Como exemplo desse cenário, é discutido a utilização de agrotóxicos no meio rural brasileiro tem trazido uma série de consequências tanto para o ambiente como para a saúde do trabalhador rural. Em geral, essas consequências são condicionadas por fatores intrinsecamente relacionados, tais como o uso excessivo dessas substâncias, a alta toxicidade dos produtos, a falta de utilização de equipamentos de proteção e a precariedade dos mecanismos de vigilância¹⁶.

Esse quadro ainda é agravado pelo baixo nível socioeconômico e cultural da grande maioria desses trabalhadores. Os autores demonstraram baixos níveis de escolaridade encontrados na comunidade. No estudo de Rigotto realizado em 2017, registrou a

ocorrência de morte diretamente associada ao agrotóxico¹⁸.

Os prejuízos advindos da cadeia produtiva também interferem na articulação das vigilâncias em saúde, a partir das teorias ligadas à noção de complexidade e ao pensamento sistêmico em saúde, é discutida uma política integradora em alguns princípios: intrasetorialidade; intersetorialidade; controle social e transdisciplinaridade. Sendo estes capazes de nortear uma vigilância integradora sobre a cadeia produtiva. Os fatores condicionantes, risco e danos potenciais perpassam os fatores econômicos, sociais, ambientais, sanitários e culturais, devido à dimensão espacial que envolve as questões políticas, jurisdicionais e governamentais¹⁹.

O estudo possibilitou conhecer o perfil – predominantemente jovem e do sexo masculino, entre trabalhadores que plantam verduras. Os resultados obtidos sobre as situações e atividades de risco à saúde dos trabalhadores rurais são concordantes com os estudos existentes no Brasil – com movimentos repetitivos, posição inadequada durante o trabalho, exposição a agrotóxicos e trabalho em temperatura elevada²⁰.

Foi possível identificar algumas questões relacionadas às condições de vida e trabalho realizado por mulheres. A saúde das trabalhadoras tem sido afetada pela organização do trabalho na cadeia produtiva do agronegócio e, entre os aspectos analisados, encontraram-se situações de vulnerabilização provocadas pela divisão sexual e pela subvalorização do trabalho das mulheres. Constatou-se também que as trabalhadoras vivenciam um cotidiano marcado pela intensificação e pela precarização de suas condições de trabalho que resultam em adoecimento e desgaste físico e mental²¹.

As relações de trabalho e o modo de produção capitalista que o mundo está inserido a alguns séculos e, é a partir da Revolução Industrial que ele se evidencia e se perpetua até os dias de hoje. Sendo a força de trabalho humana a mola propulsora que move todo este processo de produção, cujo único objetivo é o crescimento econômico e o lucro que ele traz, as custas da desvalorização do ser humano, da destruição predatória da natureza sua fauna e flora, deixando um rastro de violência e indignidade aos menos favorecidos que está à margem desta desigualdade de direitos. Toda essa alienação que o capital financeiro traz consigo durante toda sua história e trajetória, onde a sociedade burguesia do passado e os latifúndios do presente utilizam das relações de trabalho para produzir suas mercadorias, sendo o homem também parte desta mercadoria, para a acumulação de capital através da exploração da força de trabalho.

Como o trabalho é a forma de reprodução da força motriz no sistema capitalista, além de representar, de forma ideológica, a vida social do indivíduo - e sem trabalho, ele perde sua identidade perante a sociedade, um trabalhador que esteja sujeito a condições insalubres, mesmo sabendo que isso pode gerar um risco para sua saúde e um possível adoecimento, continuará no emprego, aceitando todos os riscos, conscientemente ou não, pois ocorre uma interdependência do trabalho para sua sobrevivência e reprodução social. Sem escolha, a não ser vender sua força de trabalho no sistema capitalista, em palavras claras, o trabalhador prefere se expor a riscos do que passar fome.

Observamos que nos últimos anos o agronegócio se fortalece e o número de casos de intoxicação por agrotóxicos e acidentes de trabalho crescem, com destaque para a região Sul, Sudeste e Centro Oeste que apresentam as maiores taxas de letalidade, afetando majoritariamente os trabalhadores agrícolas.

Sabendo que as maiores incidências de acidentes de trabalho advêm da exposição por agrotóxicos e que afeta diretamente o trabalhador do agronegócio, Porto e Friedrich atentam sobre o retrocesso das legislações atuais, uma delas é a aprovação do Projeto de lei nº 6299/2002 (PL do Veneno), pois este, não possui análises técnicas e científicas para que ocorra, porém é possível analisar os interesses políticos nacionais e internacionais envolvidos nesse processo de produção de alimentos transgênicos, com a utilização de agrotóxicos que são proibidos em outros países em função da elevada toxicidade em relação ao meio ambiente e a saúde humana, bem como uma estratégia de mercado das indústrias transnacionais que produzem agrotóxicos^{22,23}.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise deste estudo, é possível observar que ainda, ocorre uma falta de articulação entre a academia, política, movimentos sociais e principalmente os trabalhadores do agronegócio, visto que esses sofrem em seu processo de trabalho, com carga horária excessiva, condições insalubres e de periculosidade, assédio moral, entre outros. Devido à falta de vigilância nesses setores, os trabalhadores ficam a margem dos serviços básicos de saúde, segurança e direitos trabalhistas, visto que estes estão inseridos no modo de produção do capitalismo, que na ânsia em produzir e acumular capital, acabam por muitas vezes, esquecendo das vulnerabilidades sociais, ambientais e

de saúde envolvidos nesse processo, gerando destruição das forças produtivas, dessa forma, multiplicando a miséria e a pobreza dos trabalhadores.

Recomenda-se uma articulação entre os gestores estaduais e municipais responsáveis pelas Vigilâncias em Saúde, Sindicatos dos Trabalhadores e as Unidades de Saúde, com a finalidade de implantar e executar ações de promoção e prevenção de acidentes de trabalho, sejam no setor primário, secundário ou terciário. Envolvendo desde o processo da plantação de monoculturas, extração de madeiras, criação de animais para corte e produção de laticínios e ainda, o processo transformação, decorrente da industrialização, através dos frigoríficos, curtumes e fábricas de agrotóxicos. Através do processo de transporte (nas rodovias que ocasionam acidentes de percurso) podem levar a incapacidade do trabalhador, bem como, outros agravos passíveis de acometer a saúde dos mesmos e de suas famílias a longo prazo¹⁰.

Por fim, atentou-se que é preciso ampliar as investigações que articulem as reflexões entre as categorias de ambiente, saúde e trabalho. Embora não tenha sido o objeto deste artigo, ao longo da pesquisa, verificou-se que o avanço do agronegócio no campo ocasiona transformações territoriais que interferem sobre a saúde das populações expostas a esse processo, incluindo a saúde do trabalhador.

REFERÊNCIAS

1. Goelzer BIF. Reconhecimento, avaliação, prevenção e controle de riscos ocupacionais. [internet]. 2016 [Acesso em: 23 de dezembro de 2018] Disponível em: http://www.saude.ufpr.br/portal/medtrabwp-content/uploads/sites/25/2016/08/HO_por-Berenice-Goelzer.pdf
2. SKALINSKI, L.M.; PRAXEDES, W.L.A. A abordagem marxista aplicada aos métodos de investigação em saúde. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences Maringá*, 25 (2): 305-316, 2003.
3. MINAYO, M.C.S. O positivismo e funcionalismo. In:_. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12ª ed., SP: Hucitec, 2010, p. 81-95.
4. MARX, K. *O capital: crítica da economia política - O processo de produção do capital* - Livro 1 - Volume 1. Nova Cultural Ltda, São Paulo: 1996, p. 483.
5. FOSTER, J.B. A ecologia da economia política marxista. *Lutas Sociais*, São Paulo, n.28, p.87-104, 1o sem. 2012.
6. MINAYO-GOMEZ, C.; THEDIM-COSTA, S.M.F. A Construção do Campo da Saúde do Trabalhador: Percurso e Dilemas. *Cad Saúde Pública*. 13 (supl. 2), 1997.
7. MACHADO, J.M.H. Perspectivas e Pressupostos da Vigilância em saúde do Trabalhador no Brasil. In: *Carlos Minayo Gomez; Jorge Mesquita Huet Machado; Paulo Gilvane Lopes Pena (Org.). Saúde do Trabalhador na Sociedade Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2011. 67-85 p.
8. VASCONCELLOS, L.C.F.; GOMEZ, C.M.; MACHADO, J.M.H. Entre o definido e o por fazer na vigilância em saúde do trabalhador. *Cien Saúde Colet*, 2014; p. 4617-4626.
9. LEÃO, L.H.C.; VASCONCELLOS, L.C.F. Cadeias produtivas e a vigilância em saúde, trabalho e ambiente. *Saúde e Soc*. São Paulo, 2015; p.1232-1243.
10. PIGNATI, W.A.; MACHADO, J.M.H. O agronegócio e seus impactos na saúde dos trabalhadores e da população do estado de Mato Grosso. In: *Carlos Minayo Gomez; Jorge Mesquita Huet Machado; Paulo Gilvane Lopes Pena (Org.). Saúde do Trabalhador na Sociedade Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2011. 245-272p.
11. SAMPAIO, R.F. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Rev. bras. fisioter.*, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.

12. MAENO, M. Números em queda: dados do Anuário Estatístico da Previdência Social demonstram redução de 6,98% dos acidentes de trabalho em 2016. *Revista Proteção*; 2018; p. 24-28
13. PONTES, A.G.V.; RIGOTTO, R.M.; SILVA, J.V. Necessidades de saúde de camponeses em conflito ambiental frente à instalação de Perímetros Irrigados. *Cien Saúde Colet*, 23, 1375-1386, 2018.
14. ARAÚJO, I.M.M.D.; OLIVEIRA, Â.G.R.D.C. Agronegócio e agrotóxicos: impactos à saúde dos trabalhadores agrícolas no nordeste brasileiro. *Trab Educ e Saúde*, 15(1), 117-129, 2017.
15. DIAS LEITE, M.; DE SOUZA, K.R. Vigilância Participativa em Saúde do Trabalhador e Agronegócio no município de Lagoa da Confusão, Tocantins. *Cad Saúde Colet*, 23(4). 2015.
16. LYRA, T.M.; BEZERRA, A.C.V.; ALBUQUERQUE, M.D.S.V.D. Os desafios dos Polos de Desenvolvimento na perspectiva dos atores sociais locais de Goiana, Pernambuco. *Physis*, 1117-1139, 2015.
17. OLIVEIRA, R.D.F. Visão integrada em meio ambiente. In: *Visão integrada em meio ambiente*. CNI/SENAI, 2003.
18. RIGOTTO, R.M. Saúde ambiental e Saúde dos trabalhadores: uma aproximação promissora entre o verde e o vermelho. *Rev. Bras. Epidemiol.* Vol 6, Nº4, pág 388 a 404, 2003.
19. LEÃO, L.H.C.; VASCONCELLOS, L.C.F. Nas trilhas das cadeias produtivas: reflexões sobre uma política integradora de vigilância em saúde, trabalho e ambiente. *Rev. bras. Saúde ocup.*, São Paulo, 38 (127): 107-121, 2013
20. VIERO, C.M.; CAMPONOGARA, S.; CEZAR-VAZ, M.R.; COSTA, V.Z.D.; BECK, C.L.C. Sociedade de risco: o uso dos agrotóxicos e implicações na saúde do trabalhador rural. *Esc Anna Nery*, 20(1), 99-105, 2016.
21. MURAKAMI, Y.; PINTO, N.F.; ALBUQUERQUE, G.S.C.D.; PERNA, P.D.O.; LACERDA, A. Intoxicação crônica por agrotóxicos em fumicultores. *Saúde em Debate*, 41, 563-576, 2017.
22. PORTO, M.F.D.S. O trágico Pacote do Veneno: lições para a sociedade e a Saúde Coletiva. *Cad Saúde Pública*, 34, e00110118, 2018.
23. FRIEDRICH, K (orgs). Dossiê científico e técnico contra o Projeto de Lei do Veneno (PL 6.299/2002) e a favor do Projeto de Lei que institui a Política Nacional de

Redução de Agrotóxicos – PNARA. Brasília/DF: 2018.

24. DE SOUZA, C.L.S. Questão agrária, migração temporária e superexploração: uma síntese a partir do Vale do Jequitinhonha. *Rev Katálysis*, v. 21, n. 3, p. 611-620, 2018.
25. DE ALMEIDA SILVA, C.; DE MENEZES, M.A.; DE OLIVEIRA, R.V. Às margens do desenvolvimento: o trabalho das mulheres e a luta por direitos no polo de fruticultura de Petrolina/PE, Juazeiro/BA. *Cad Pagu*, (52), 2018.
26. MANZOLI, S.T.; IGUTI, A.M.; MONTEIRO, I. Condições de trabalho e saúde de plantadores de verduras de um município brasileiro. *Trab soc* (30), 269-284, 2018.
27. RIGOTTO, R.M.; AGUIAR, A.C.P. Por que morreu VMS? Sentinelas do desenvolvimento sob o enfoque socioambiental crítico da determinação social da saúde. *Saúde em Debate*, 41, 2017; 92-109.
28. MARRA, G.C.; COHEN, S.C.; AZEVEDO NETO, F.D.P.B.D.; CARDOSO, T.A.D.O. Avaliação dos riscos ambientais na sala de abate de um matadouro de bovinos. *Saúde em Debate*, 41, 175-187, 2017.
29. PINTO, N.F.; MUROFUSE, N.T. Processos protetores e destrutivos da saúde dos (as) trabalhadores (as) da sericicultura. *Saúde em Debate*, 41, 115-129, 2017.
30. DA COSTA, C. Morte por exaustão no trabalho. *Cad CRH*, v. 30, n. 79, p. 105-120, 2017.
31. ROCHA, M.M.; RIGOTTO, R.M. Produção de vulnerabilidades em saúde: o trabalho das mulheres em empresas agrícolas da Chapada do Apodi, Ceará. *Saúde em Debate*, 41, 63-79, 2017.
32. DE CASTRO, L.S.P.; MONTEIRO, J.K. Fumicultores advertem: a causa do seu sofrimento é o Homem. *Psicol & Soc*, 27(1). 2015.